

O segundo, semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Mateus
22:39

A regra áurea

Incontestavelmente, muitos séculos antes da vinda do Cristo já era ensinada no mundo a Regra áurea, trazida por embaixadores de sua sabedoria e misericórdia. Importa esclarecer, todavia, que semelhante princípio era transmitido com maior ou menor exemplificação de seus expositores.

Diziam os gregos: “Não façais ao próximo o que não desejais receber dele”.

Afirmavam os persas: “Fazei como quereis que se vos faça”.

Declaravam os chineses: “O que não desejais para vós, não façais a outrem”.

Recomendavam os egípcios: “Deixai passar aquele que fez aos outros o que

desejava para si”.

Doutrinavam os hebreus: “O que não quiserdes para vós, não desejeis para o próximo”.

Insistiam os romanos: “A lei gravada nos corações humanos é amar os membros da sociedade como a si mesmo”.

Na Antiguidade, todos os povos receberam a lei de ouro da magnanimidade do Cristo. Profetas, administradores, juízes e filósofos, porém, procederam como instrumentos mais ou menos identificados com a inspiração dos planos mais altos da vida. Suas figuras apagaram-se no recinto dos templos iniciáticos ou confundiram-se na tela do tempo em vista de seus testemunhos fragmentários.

Com o Mestre, todavia, a Regra áurea é a novidade divina, porque Jesus a ensinou e exemplificou, não com virtudes parciais, mas em plenitude de trabalho, abnegação e amor, à claridade das praças públicas, revelando-se aos olhos da humanidade inteira.

(Caminho, verdade e vida. Ed. FEB. Cap. 41)

Tempo da regra áurea

Faremos hoje o bem a que aspiramos receber.

Alimentaremos para com os semelhantes os sentimentos que esperamos alimentem eles para conosco.

Pensaremos acerca do próximo somente aquilo que estimamos pense o próximo quanto a nós.

Falaremos as palavras que gostaríamos de ouvir.

Retificaremos em nós tudo o que nos desgrade nos outros.

Respeitaremos a tarefa do companheiro como aguardamos respeito para a responsabilidade que nos pesa nos ombros.

Consideraremos o tempo, o trabalho, a opinião e a família do vizinho tão preciosos quanto os nossos.

Auxiliaremos sem perguntar, lembrando como ficamos felizes ao sermos auxiliados sem que nos dirijam perguntas.

Amparemos as vítimas do mal com a bondade que contamos receber em nossas quedas, sem estimular o mal e sem esquecer a fidelidade à prática do bem.

Trabalharemos e serviremos nos moldes que reclamamos do esforço alheio.

Desculparemos incondicionalmente as ofensas que nos sejam endereçadas no mesmo padrão de confiança dentro do qual aguardamos as desculpas daqueles a quem porventura tenhamos ofendido.

Conservaremos o nosso dever em linha reta e nobre, tanto quanto desejamos retidão e limpeza nas obrigações daqueles que nos cercam.

Usaremos paciência e sinceridade para com os nosso irmãos, na medida com que esperamos de todos eles paciência e sinceridade, junto de nós.

Faremos, enfim, aos outros o que

desejamos que os outros nos façam.

Para que o amor não enlouqueça em paixão e para que a justiça não se desmande em despotismo, agiremos persuadidos de que o tempo da regra áurea, em todas as situações, agora ou no futuro, será sempre hoje.

(*Opinião espírita*. Ed. Boa Nova. Cap. 52)

O próximo⁵¹

O próximo, em cada minuto, é aquele coração que se acha mais próximo do nosso, por divina sugestão de amor, no caminho da vida.

No lar, é a esposa e o esposo, os pais e os filhos, os parentes e os hóspedes.

No templo do trabalho comum, é o chefe e o subordinado, o cooperador e o companheiro.

Na via pública, é o irmão ou o amigo anônimo que partilham conosco a mesma estrada e o mesmo clima.

Na esfera social, é a criança e o doente, o desesperado e o triste, as afeições e os laços da solidariedade comum.

Na luta contundente do esforço humano, é o adversário e o colaborador, o inimigo declarado ou oculto ou, ainda, o associado de ideais que simbolizam nossos instrutores.

Em toda parte, encontrarás o próximo, buscando-te a capacidade de entender e de ajudar.

Auxilia-o com aquilo que possuas de melhor.

Os santos e os heróis ainda não residem na Terra. Somos Espíritos humanos, mistos de luz e sombra, amor e egoísmo, inteligência e ignorância.

Cada homem, na fase evolutiva em que nos encontramos, traz uma coroa incompleta de rei e uma espada de tirano.

Se chamas o fidalgo, encontrarás um servidor...

Se procuras o guerreiro, terás um inimigo

feroz pela frente...

Por isso mesmo, reafirmou Jesus o velho ensinamento da Lei — “ama o próximo, como a ti mesmo...”

É que o Espírito, quando ama verdadeiramente, encontra mil meios de auxiliar, cada instante, e o próximo, na essência, é o degrau que surge diante do

nosso coração, por abençoado caminho de acesso à Glória celestial.

(*Reformador*, abr. 1954, p. 86)

¹⁶¹ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em: *Assim vencerás*. Ed. IDEAL. Cap. 3, com pequenas alterações; *Brasil Espírita*, jul. 1961, p. 3.